

# PAÍS SEM CULTURA É TERRA SEM GENTE

39

Dom.  
2/12/84

— Matias Ntundu Mzaanhoka, artista moçambicano em Xilogravura

Albano Naforneta (texto) e Fernando Tavares (fotos)

É digno de inveja o orgulho com que Matias Ntundu Mzaanhoka, único artista moçambicano, em Xilogravura pelo menos até aqui conhecido, pronuncia estas palavras: «A Cultura é uma forma de luta pela afirmação de um país no estrangeiro. Um país sem cultura é uma terra sem gente, sem movimento. Agora pode imaginar a responsabilidade, e também a vaidade, que sinto em ser um dos cidadãos que informam lá fora que Moçambique é um País com gente em movimento, através do meu trabalho».

Homem de estatura e físico médios, casado e pai de sete filhos, natural de Mueda, província de Cabo Delgado, Matias Ntundu Mzaanhoka encontra-se em Maputo para, junto da Empresa de Artesanato, tratar de diversas questões inerentes à sua

mestra a suíça Maya Sürcher — esta será a primeira vez que o artista participará num grande evento «e pisarei a Europa» — disse-nos acentuando com certa vaidade as últimas palavras.

— A cultura é uma forma de luta



Matias Ntundu Mzaanhoka — «A cultura é uma forma de luta pela afirmação de um país no estrangeiro»

actividade. — Lá na minha aldeia, Nandimba, não há material para o trabalho e eu já me arrisco a deixar a Xilogravura, para voltar a dedicar-me à escultura em pau-preto. Mas aqui em Maputo vejo que há muito material — atira o artista em forma de protesto.

Entretanto, o Director da Empresa de Artesanato, José de Bragança disse-nos que grande parte dos problemas de produção do nosso entrevistado serão resolvidos nesta mesma viagem.

Mas a presença de Matias Ntundu Mzaanhoka na capital é também resultado de um convite feito ao artista pela Empresa de Artesanato. Neste contexto, ele está a concluir oito gravuras que serão exibidas em Janeiro próximo numa exposição de mostra-venda em Berlim. De cada gravura pensa imprimir 20 exemplares.

O autor sente-se particularmente orgulhoso por esta oportunidade, porque, mesmo que algumas das suas obras já tenham atravessado fronteiras intercontinentais através de amigos — sobretudo da sua

— prossegue — pela afirmação de um país no estrangeiro. Um país sem cultura é uma terra sem gente, sem movimento. Agora pode imaginar a responsabilidade e o orgulho que sinto em ser um dos cidadãos que informam lá fora que Moçambique é um País com gente em movimento, através dos meus trabalhos».

## XILOGRAVURA O QUE É?

Praticamente desconhecida em Moçambique, a Xilogravura é a arte de gravar em madeira. Anterior à tipografia, foi um processo de impressão de livros de orações e obras clássicas baratas, praticado principalmente no século XIV, na Europa.

No nosso País esta arte só tem um mestre: Matias Ntundu Mzaanhoka, que agora está preocupado em passar os conhecimentos para outros moçambicanos. «Não quero que esta arte morra com a minha morte» — garantiu-nos o artista, acrescentando que, na sua aldeia, vivem outros quatro camponeses

que, apesar de terem participado com ele no mesmo estágio de aprendizagem, «ainda estão a aprender. Eu tive a sorte de ser o melhores».

O referido estágio decorreu em 1982, sob a orientação de uma especialista suíça, Maya Sürcher. Nessa iniciativa de formação participaram vários camponeses, entre eles o nosso entrevistado, de uma cooperativa de escultura em pau-preto da Aldeia Comunal de Nandimba, em Mueda.

— Eu quero explicar bem qual foi a minha atitude perante o curso — adverte-nos Matias Ntundu. — Preocupe-me logo em não imitar o trabalho de Xilogravura que a Maya nos mostrou. Eu só queria saber como se faz, que material se utiliza. Depois comecei a fazer o trabalho segundo as minhas próprias ideias...

Matias Ntundu interrompeu-se e olhou-nos com uma expressão de quem desconfia que não tenhamos entendido as suas explicações. Tranquilizámo-lo dizendo-lhe que por «minhas próprias ideias» entendíamos que ele não se pôs a copiar o pensamento expresso nas obras de xilogravura na posse da sua mestra, Maya Sürcher.

Além da interpretação dos depoimentos do nosso interlocutor repetiu-se em vários passos da entrevista, face à insistência dele em dizer-nos, embora já o tivéssemos constatado logo no início, que «o meu português é roto como o vestuário das pessoas que não têm roupa lá na minha aldeia».

## A ARTE E O ARTISTA

Matias Ntundu Mzaanhoka explicou-nos como trabalha. Pega numa tira de madeira plainada ou em contraplacado de forma geralmente rectangular ou quadrada. Sobre a madeira faz um desenho previamente concebido «lá dentro da cabeça».

— Depois ponho-me a analisar o desenho, todos os pormenores do

desenho. Se chego à conclusão que não presta, destruo e faço outro. Se o desenho consegue falar como o meu pensamento então passo a esculpir. — conta-nos o artista.

O passo seguinte é a impressão do desenho no papel, por meio de tinta antecipadamente espalhada sobre a madeira.

— O que é que costuma desenharmos? — perguntámos.

— A vida de Moçambique — respondeu prontamente. — Desenho passageiros da nossa vida desde o tempo dos colonialistas, até à inde-

dança, as pessoas cantam, estão alegres. Para mim, tudo isso é fácil de recordar e passar para a madeira. É simples: vivi tudo!

Como dissemos, na Aldeia Comunal de Nandimba, Matias Ntundu Mzaanhoka é membro da Cooperativa de Escultura em pau-preto e, nesta unidade de produção é também o primeiro mestre. Ele pratica esta arte desde 1963, tendo aprendido de um grande escultor, também de Nandimba, Patrício Benjamim, que já morreu.

Como camponês tem machambas



Uma das obras do nosso entrevistado (foto de A. Murato)

pendência, passando pela Luta Armada de Libertação Nacional Sobre o tempo dos colonos, desenho cenas de escravos, a palmaria, o massacre de Mueda. Do tempo da luta desenho o Povo carregado de material de guerra, a atravessar o Rovuma, soldados da FRELIMO numa emboscada, a população numa machamba e um avião que a aterriza com as bombas que lança de cima. Sobre a independência, desenho Aldeia Comunal, machambas colectivas, mas em vez de avião de bombas, há

de milho e mandioca e acaba de abrir um novo terreno para as próximas sementeiras. Na nova machamba vai pôr também mapira, além dos primeiros dois produtos.

«Parece que há outra coisa que interessa — recorda ele. — Em 1982 estive aqui em Maputo, durante um mês. Nessa altura, pela primeira vez, as minhas obras em xilogravura, juntamente com as da minha mestra Maya Sürcher foram apresentadas numa exposição. Este ano, em Pemba participei numa exposição alusiva ao 25 de Setembro.»



O artista imprimindo uma das suas gravuras no estúdio oficial da Europa de Artesanato-Loja Galeria